

Centro Ruth Cardoso
Ciclo Juventudes
Comitê Política e Juventudes
Papel dos partidos políticos na formação dos jovens – Reunião 2

A partir de um processo de redesenho de seus propósitos e linhas de ação, o Centro Ruth Cardoso (CRC), abarcado pela Fundação Fernando Henrique Cardoso, passa a investir na consolidação de seu papel como um polo de geração e disseminação de conhecimento. Para tal, o CRC reuniu pessoas atuantes na academia, em movimentos sociais e nas diferentes linguagens artísticas para pensar temas contemporâneos, produzindo materiais que sistematizem e compartilhem as análises e reflexões geradas nesses encontros. A temática a ser explorada no primeiro ciclo é Juventudes, dividida em três vertentes: atuação política, construção de identidade e sociabilidades.

Este documento registra e organiza o conteúdo principal do debate Papel dos partidos políticos na formação dos jovens – parte 2, realizado em 19 de julho de 2021, no âmbito do Comitê Política e Juventudes.

CONVIDADOS

- KARLA FALCÃO: é professora e coordenadora de projetos de educação, controle social e engajamento cívico. É cofundadora e coordenadora de Relações Institucionais do movimento Livres, líder RenovaBR e Rede de Ação Política pela Sustentabilidade (RAPS);
- RENAN SANTOS: é ativista político, colunista do jornal *Gazeta do Povo*, cofundador e líder nacional do Movimento Brasil Livre (MBL);
- TONY SECHI: é presidente nacional da Juventude do Partido Socialista Brasileiro (PSB), pelo qual concorreu a um cargo executivo (2020). Foi assessor técnico do Conselho Superior Socioeconômico de Desenvolvimento e Inovação da Prefeitura de Pelotas (RS);
- LUCAS BRANDÃO (mediação): foi assessor do plenário de dois líderes da REDE na Câmara dos Deputados e chefiou o gabinete da liderança do partido no Senado. Atualmente, é coordenador legislativo e jurídico do senador Randolfe Rodrigues (REDE). É membro da Rede de Parceiros do CRC.

INSPIRAÇÃO PARA O DEBATE: *no início de cada encontro, uma obra audiovisual para instigar à reflexão*



Vídeo: *Eleições* (trailer)

Autoria: Alice Riff

Ano: 2018

Sinopse: É época de eleições para o grêmio estudantil. Secundaristas se organizam para a corrida eleitoral. Quatro grupos de estudantes, com opiniões e visões de mundo diferentes, criam propostas, debatem estratégias de campanha e lutam por melhorias na escola. Os conflitos e tensões entre as chapas revelam suas diferenças políticas, e a contundência da realidade cotidiana convive com a resistência do sonho, da amizade e do direito de criar caminhos para o mundo em que se acredita.

Link: <https://bit.ly/2TzhkBS>

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

- Os partidos políticos perderam seu papel na formação política dos jovens? Ainda conseguem atrair e dialogar com as juventudes?
- Existem diretórios de juventudes nos partidos? Se sim, como eles funcionam?
- De que forma a tecnologia e a Internet podem ser usadas nos processos formativos? Qual foi o impacto da sua adoção na relação dos partidos com os jovens?
- Quais caminhos as juventudes têm encontrado para se formarem e se politizarem?
- De que forma o movimento secundarista e universitário impacta na formação política dos jovens? Como os partidos lidam com essas experiências?

- Quais estratégias têm sido desenvolvidas pelos partidos políticos e pelos movimentos de renovação para lidar com a pluralidade das juventudes? Há formas diferentes de atrair, dialogar e formar os jovens de acordo com recortes de raça, classe, gênero, território e demais fatores?
- Como as juventudes têm encarado o desafio da democracia enquanto um valor intrínseco para a ação política? É possível falar hoje em uma formação política que não seja uma formação democrática?
- De que forma os partidos encaram a formação política dos jovens? Trata-se de um esforço voltado à formação de novos quadros ou há uma intenção mais ampla? Se mais ampla, que tipo de conteúdo tem sido priorizado?
- Partindo da ideia de Milton Santos de que há uma confusão entre mobilização eleitoral (pautada por respostas imediatas e circunstanciais) e produção de consciência política (focada em uma visão de longo prazo), como os movimentos de renovação trabalham essa produção de consciência, uma vez que eles são abertos a pessoas das mais diversas ideologias e, portanto, projetos de país muito distintos entre si?
- Em que medida tanto a formação propriamente dita quanto as peças de comunicação política voltadas para as juventudes deveriam considerar uma forma menos bética do fazer político, em especial em um contexto de polarização?
- Como se dá a interação entre os partidos políticos e os movimentos de naturezas diversas da sociedade civil? Quais as tensões inerentes a essa relação?

DEBATE

OS PARTIDOS POLÍTICOS E AS JUVENTUDES: UM DIAGNÓSTICO

- Falta de oportunidade para que as juventudes brasileiras tenham protagonismo:
 - Número restrito de candidaturas: nas eleições de 2020, apenas 8% dos candidatos eram jovens, em comparação a 12% de candidatos idosos;
 - Queda no eleitorado jovem: entre as eleições de 2018 e de 2020, houve um decréscimo de 50% na participação de eleitores com 17 anos;
 - Para uma parcela grande das juventudes, fazer política é algo inacessível.
- Partidos políticos como corresponsáveis pelo baixo engajamento dos jovens:
 - Crise de confiança: em 2016, 46% da população desconfiava dos partidos. Em 2018, porcentagem subiu para 77%;
 - Instituições arcaicas: estrutura de governança pouco transparente, extremamente burocrática, que centraliza o poder de decisão em um grupo específico de pessoas;

- “Cartórios eleitorais”: muitas siglas criadas apenas para ocupar espaços do Estado e do poder, sem qualquer coerência interna – por que esses partidos se esforçariam para conversar com os jovens?
- Ausência de mecanismos para o controle social dos partidos, como um portal de transparéncia;
- Dificuldade de comunicação, com linguagem engessada e pouca escuta. Exemplo: redes sociais de quadros expoentes têm engajamento maior do que as dos próprios partidos;
- Falta de investimento na formação de jovens: diante da magnitude dos partidos, da estrutura das fundações partidárias e dos recursos financeiros disponíveis, muito pouco tem sido feito – formação acaba se dando mais na prática.

“Os partidos políticos brasileiros têm o seguinte paradoxo: todo mundo sabe que eles são estruturas anacrônicas, mas como eles respondem a métodos eleitorais que são válidos e há quem vote, eles vão se manter anacrônicos no poder. Então, a gente vai ficar datilografando no século XXI. Os partidos são uma máquina de escrever, um barco a vela; só que no Brasil o barco a vela ganha, datilografar funciona. É uma situação desoladora.”

– RENAN SANTOS

- Participação das juventudes nos partidos costuma ser marcada por:

- Exclusão nos processos deliberativos: “o jovem pode até falar, mas não necessariamente será ouvido”;
- **Jovem como “commodity”**: um quadro a ser acionado quando necessário, e não um sujeito político em sua integralidade;
- Priorização de jovens que integram famílias tradicionais na política local ou no diretório nacional do partido em detrimento de novos quadros;
- **“Quem vocês elegeram?”**: a destinação de recursos financeiros para a formação e a disputa de eleições por quadros jovens fica atrelada à pressão para que as juventudes elejam parlamentares.

“Em um estudo sobre a participação jovem na política de trinta democracias na União Europeia, Magdelina Kitanova constata que quanto mais estáveis são os partidos políticos e mais sólidas são as democracias, maior é a participação do jovem na política. Via de regra, o que vemos no Brasil são partidos instáveis, que não têm um conteúdo programático consolidado, que mudam de posição ao sabor dos ventos. O resultado são 83% dos brasileiros sem absolutamente qualquer simpatia por nenhum partido. Imagine isso para um jovem?” – KARLA FALCÃO

“Eu sou muito procurada por partidos na época de eleição. Quem não quer uma mulher com 14 mil votos? Quer. Mas na hora da deliberação, da participação ativa, a mulher é

colocada em uma caixinha. Você vai para a Secretaria de Mulheres, não para a presidência do diretório. E é a mesma coisa com o jovem. Vão sendo criados espaços em que não há uma inclusão verdadeira, porque, no final das contas, infelizmente os nossos partidos estão muito mais preocupados em exercer o poder institucional do que representar as pessoas. Só vamos conseguir mudar isso quando os partidos se colocarem à disposição de ouvir e de usar os recursos que eles têm para efetivamente garantir formação, engajamento, orientação, mentoria, de forma que a gente qualifique os nossos quadros e a nossa democracia.” – KARLA FALCÃO

PARTIDOS POLÍTICOS E MOVIMENTOS CÍVICOS: CONCORRENTES OU COMPLEMENTARES?

- Movimentos cínicos e escolas de formação política como alternativas para o engajamento dos jovens:
 - Estruturas menos hierarquizadas, pautadas mais pelo exercício da liderança do que por cargos;
 - Ambientes menos formais, com mais liberdade e autonomia;
 - Linguagem mais próxima do cotidiano tanto das juventudes quanto da sociedade civil como um todo;
 - Estabelecimento de diálogo e trabalho conjunto com pessoas de diferentes partidos e ideologias;
 - Capacidade de formar pessoas em uma escala e com uma continuidade que os partidos não têm conseguido.

“A ideia da Academia MBL não é formar jovens com intuito eleitoral, mas tentar criar uma geração que substitua as lideranças do próprio MBL e que saiba fazer basicamente três tipos de militância. A coisa é muito lúdica ali, é muito parecido com Hogwarts [nome da escola de magia da série de livros Harry Potter, de J. K. Rowling]. Depois que a pessoa entra na Academia, ela faz um teste de personalidade e é direcionada para uma das três casas: Atenas, time do tribuno, do comunicador, das pessoas que gostam de falar; Esparta, focada na formação de líderes; e Alexandria, para as pessoas com um perfil intelectual, que gostam de escrever e pesquisar.” – RENAN SANTOS

“Eu não tenho nenhum familiar na política, foi um investimento que o partido fez em alguns quadros, mas são quadros muito específicos, digamos assim. Teoricamente, temos um contato de formação com 100, 150, 200 jovens. Se dividirmos isso por estado, temos dez jovens em cada estado que recebem uma formação, um acompanhamento, um investimento. Não se tem uma escala comparada com o RenovaBR, por exemplo, que está formando quantos e quantos jovens todos os anos, substituindo por falha dos próprios partidos a questão da formação política.” – TONY SECHI

- Movimentos escancaram aos partidos a necessidade de que repensem e atualizem sua atuação.

“Acredito que desde 2013, com as manifestações por transporte público no Brasil, os partidos enxergaram a sua tamanha rejeição. E acredito que o ponto mais central que fez pelo menos o PSB acordar internamente foi o papel de formação que os movimentos cívicos, como RenovaBR e Livres, começaram a ter e que os partidos não estavam fazendo realmente.” – TONY SECHI

- Uma relação marcada por desconfiança e utilitarismo mútuo:

- De um lado, os partidos **enxergam os movimentos como “partidos disfarçados”** e os procuram não para ouvir suas pautas, mas sim para compor chapas em época eleitoral, muitas vezes priorizando os resultados nas urnas em vez da afinidade dos projetos;
- De outro lado, uma vez que a legislação exige a filiação partidária para que se concorra a cargos executivos e legislativos, os movimentos procuram os partidos como uma via mais rápida para chegar ao Estado, e não necessariamente por identidade com o programa político da sigla;
- **“Infiltração sem ilusões”:** para promover uma troca geracional nos espaços de poder, é preciso que os movimentos cívicos façam uso dos partidos políticos, sem ter ingenuidade sobre a complexidade da vida partidária e o grau de liberdade que terão para atuar no âmbito dessas estruturas;
- **“Incoerência ideológica”:** casos de mandatários oriundos dos movimentos de renovação que foram expulsos dos partidos pelos quais se elegeram por votarem contra o programa político da sigla.

“Nós temos basicamente cartórios com reserva de poder, e essas reservas vão sendo exercidas. Se eu quiser soltar um candidato por um determinado partido, talvez ele queira, talvez ele não queira, mas com certeza ele vai querer usar o meu candidato em um determinado contexto que possa beneficiá-lo a construir uma chapa aqui e ali. No caso do MBL, o que a gente descobriu na nossa relação institucional com os partidos é que, já que você não vai mudar o jogo, eu vou usá-los como uma plataforma – usa, sai, usa, sai. Eu nem posso falar que é algo bacana, algo legal.” – RENAN SANTOS

“É possível imaginar uma estrutura partidária em que você não tenha de punir uma pessoa mandatária por ela ter uma posição clara e independente à do partido, baseada em tudo o que ela estudou ao longo do tempo para tomar aquele posicionamento? Será que não há um lugar de diálogo, algum tipo de estrutura diferente do que este que a gente está vendo?” – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

- Diversidade de caminhos para fortalecer e qualificar o jogo democrático;

- Todas as maneiras de se organizar politicamente – movimentos sociais, movimentos de protesto, partidos políticos etc. – são complementares e não excludentes entre si, mas ao mesmo tempo há uma imensa zona de conflito a ser considerada;
- Possibilidade de candidaturas avulsas, que independam da filiação partidária, como uma saída eleitoral para as lideranças oriundas dos movimentos cínicos: exigiria mudança na legislação e um estudo cuidadoso dos termos, como as formas de financiamento das candidaturas.

“A relação de tensão entre os movimentos sociais e a política se dá na própria constituição dos espaços democráticos de diálogo. O problema é que a constituição desses espaços não está consolidada, portanto, volta e meia você tem um retrocesso. É uma questão que vem desde o início do processo democrático.” – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

“Uma reforma política nunca vai acontecer se não houver uma reforma partidária. Mas quem vai fazer essa reforma partidária são os interessados em manter a atual estrutura; portanto, é muito difícil fazer uma reforma que será votada pelos interessados na não reforma. Tem de haver realmente essa profusão de iniciativas políticas da sociedade. Concorde-se com eles ou não, o Livres e o MBL são iniciativas políticas, e não movimentos sociais. Mas não são partidários. E aí, quando chega época de eleição, quem quer concorrer tem de entrar no partido A, B, nas siglas mais esquisitas. Se tivesse a possibilidade de candidatura avulsa ou independente, esse fenômeno não aconteceria.” – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

- Ponto de reflexão: qual é a qualidade da formação política promovida pelos movimentos de renovação e pelas escolas de formação de lideranças?

“O RenovaBR não é um movimento, e sim uma escola de formação de pessoas comuns para que elas possam entrar na política e entender como funciona não somente a política institucional, mas também o processo eleitoral. Falando como aluna e monitora, temos aula de como funcionam as regras eleitorais, a formação de chapa, como construir campanhas econômicas e criativas, além de teoria geral do Estado, formas de governo, democracia, liderança, trabalho em equipe.” – KARLA FALCÃO

“Em geral, os movimentos de renovação que fazem formação política não priorizam a democracia. Eles ficam ensaiando truques para concorrer à eleição, fazer campanha eleitoral, construir plano de governo, ficam falando de eficiência de gestão e de uma série de conceitos empresariais meio esquisitos que não funcionam na política como funcionam nas empresas. E se você faz formação política exclusivamente voltada para ocupar o Estado, para promover candidaturas, isso é problemático do ponto de vista democrático. Estamos em um país em que onze em cada dez pessoas acham que democracia é eleição.” – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

AFINAL, O QUE QUEREM OS JOVENS?

- Aumento na participação de jovens na política institucional, inclusive concorrendo a eleições:
 - Especialmente desde 2013, diante de um cenário político conturbado, as juventudes têm demonstrado um desejo crescente de participar da política;
 - Experiência do PSB: enquanto em 2016 um encontro nacional de vereadores jovens do partido reuniu nove pessoas, em julho de 2021 eram 110 jovens parlamentares.
- Necessidade de entender as juventudes em sua pluralidade e oferecer espaços de mobilização que atendam aos diferentes perfis:
 - Criação de horizontes: desejo dos jovens de ser parte de causas maiores;
 - Maneiras diversas de exercer o ativismo cívico, para além da disputa eleitoral: mobilização em grupos de WhatsApp, produção de vídeos no YouTube, publicação de textos e artigos, participação em associações de bairro, clube de mães etc.;
 - Novos formatos de organização que rompem com o modelo piramidal dos partidos: descentralização dos movimentos de 2013, atuação em rede, modelo híbrido do MBL (liberdade de atuação para os núcleos municipais associada ao compromisso com um conjunto de valores e proposições);
 - Promoção de um ambiente político mais saudável: menos “arenga” (a briga besta, a disputa pela disputa) e mais “amizade cívica”, focada na construção de pontes entre diferentes visões para a construção coletiva de soluções.

“Sobre a Rede de Ação Política pela Sustentabilidade (RAPS), são três valores fundamentais: a defesa da democracia; a sustentabilidade; e um termo que eu acho arretado, que é a tal amizade cívica. Você pode não concordar com aquele sujeito que está ali, mas você não precisa agredi-lo, não precisa desrespeitá-lo. Não é porque ele discorda de você que a opinião dele não é válida e que a participação dele não é legítima – pelo contrário, é legítima, é válida, precisa ser valorizada e qualificada.” – KARLA FALCÃO

“Sobre nossas peças de divulgação, a gente vai ser barulhento, vai ser divertido, porque a experiência tem de ser lúdica. A pessoa tem de se ver como parte de uma aventura, ainda mais o jovem. Ele quer viver uma jornada. E eu não sou contra polarização, sou bem favorável. Acho que falta polarização no Brasil. O que a gente não pode ter é uma polarização entre dois projetos autoritários de poder. Mas não vejo problema nenhum em ter polos discutindo, em ser enfático, em fazer humor, em tirar sarro do adversário político.” – RENAN SANTOS

- Experiências partidárias positivas:
 - “Uma família”: vida partidária como uma importante rede de sociabilidade;

- Juventudes participando no dia a dia do partido, ocupando espaços importantes na estrutura partidária, e não presas a secretarias específicas. Exemplo: partidos socialistas de Portugal e Espanha;
- Como resposta às iniciativas que florescem fora do âmbito partidário, há siglas investindo em atividades e cursos de formação.

“Por cobrança interna nossa e mostrando o que os movimentos cívicos estão fazendo, trouxemos esse processo de discussão para dentro do partido e o PSB se obrigou, por meio da própria fundação, a dar 600 vagas de graduação em Gestão Pública para jovens que não tiveram essa oportunidade de estudo. Consideramos um avanço, vai ser um salto qualitativo muito grande do partido, mas ainda é pouco.” – TONY SECHI

- Mesmo que haja consenso sobre a demanda dos jovens por espaços mais acolhedores à sua militância, as esferas de poder institucional não se mostram preocupadas com o tema:
 - No Congresso, o esforço de parlamentares para promover a urgente inclusão de mulheres e de pessoas negras não tem se estendido às juventudes;
 - Papel do Judiciário em forçar mudanças nos partidos políticos, que não têm sido feitas por conta própria pelo Legislativo.

“O pouco que houve de avanço na reforma partidária foi exigência do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para que os diretórios provisórios acabassem, para que colocassem regras no uso do fundo eleitoral e partidário. Todos esses pequenos avanços foram encontrados com uma briga muito grande no Parlamento, sob a bandeira do interna corporis [questões que devem ser resolvidas internamente por cada poder]. É sempre uma briga muito grande.” – LUCAS BRANDÃO

- Ponto de reflexão: é desejável para a democracia brasileira que as novas lideranças surgidas na sociedade civil se concentrem na política eleitoral?

“A política não se esgota na ocupação do Estado. Enquanto a sociedade civil fica imaginando que vai entrar no Estado, essas organizações acabam sendo plataformas de lançamento para chegar lá. O problema é que isso desarma continuamente a sociedade civil das suas lideranças. O cara acha que só dentro do Estado, com os recursos estatais, ele vai conseguir fazer alguma coisa para transformar a sociedade.” – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

REFERÊNCIAS & MATERIAIS DE INTERESSE

- Academia MBL, escola de formação política do movimento MBL: <https://bit.ly/3k3b93S>

- *A cara da democracia no Brasil: partidos políticos*, estudo sobre confiança nos partidos realizado pelo Instituto da Democracia e da Democratização da Comunicação (2018): <https://bit.ly/2UN75KL>
- Lei dos Partidos Políticos (nº. 9.096, de 19 de setembro de 1995): <https://bit.ly/2TV8z5d>
- Livres, movimento de renovação política liberal: <https://bit.ly/3kS6cuV>
- Milton Santos em entrevista ao *Roda Viva* em 31 de março de 1997: <https://bit.ly/3rAD9gl>
- Rede de Ação Política pela Sustentabilidade (RAPS), iniciativa de formação de lideranças políticas: <https://bit.ly/3ARuj93>
- RenovaBR, escola de formação política: <https://bit.ly/3hyOlaD>
- *Youth political participation in the EU: evidence from a cross-national analysis*, estudo de Magdelina Kitanova (2019): <https://bit.ly/36Wedaj>